

POVOS DO LIVRO

OTAVIO FRIAS FILHO

Folha de S. Paulo, 4.10.01

Na contracorrente da adesão à política americana pós-ataques, houve uma avalanche de comentários que buscavam valorizar a cultura árabe, em particular, e a muçulmana, em geral. Procuravam dissociá-las do terrorismo, mostrando que o Corão se presta a diferentes visões e que extremismos existem em todos os credos. Nada mais justo, mas é oportuno não recair no exagero oposto. Uma noção idílica do islã não explica por que o fanatismo, existindo em todas as religiões, prospera tanto nessa. Nem esclarece por que as conquistas culturais e científicas do islã se situam, como notou Ricardo Bonalume Neto, em passado remoto. As contribuições da civilização islâmica à humanidade concentram-se, em sua maioria, na chamada Renascença árabe, entre os séculos 11 e 14. Foi o período em que o islã travou contato com diferentes culturas por ele ocupadas e por isso mesmo praticava uma política de tolerância religiosa em relação a elas. O cristianismo foi, até o século 17, uma religião que compartilhava com o islã e com o judaísmo as duas características de uma fé fundamentalista. Ou seja, considerava-se portador da verdade indiscutível e acreditava que essa verdade devesse ser tomada ao pé da letra, tal como aparecia em suas Escrituras. Deixou de sê-lo quando a Europa se viu separada em duas metades, o norte protestante e o sul católico: quando existem dois dogmas, em vez de um, pode-se dizer que já não há nenhum. Separou-se a vida civil da vida religiosa, estabeleceram-se a liberdade de crença e as demais liberdades que resultaram dela. Não por coincidência foram essas as bases conceituais da revolução científica e da acumulação capitalista que deram origem ao "Ocidente" dos nossos dias. A ciência germina em ambientes onde é legítimo duvidar. E a acumulação capitalista depende de uma ênfase grande nesta vida, ainda que de olhos postos no além. Não é o caso de endossar a opinião impertinente do atual primeiro-ministro italiano, que proclamou a suposta superioridade do "Ocidente" sobre o islã. Mas não resta dúvida de que, do ponto de vista do progresso científico e material, o modelo da cultura ocidental, por ser laico e pluralista, funciona melhor. Esse modelo produz distorções que para muitos serão inaceitáveis. Tende a sujeitar todas as esferas da vida (até mesmo a artística e a afetiva) ao jugo da mercadoria. Produz uma cultura de abundância e desperdício que torna mais cruel o contraponto com as vastas regiões assoladas pela miséria e pelas doenças. Mas o extremismo cristão é algo que se reduz, na história recente, à Irlanda do Norte e à Ku-Klux-Klan. Não se ouve falar em terrorismo budista. A verdade é que violência religiosa tornou-se prerrogativa dos "povos do Livro" porque eles insistem no monopólio da verdade e no literalismo da palavra revelada.